tradução por TRAVA

el ofensivo trans

zine de transmasculinidades mariconas

Fanzine criado por cat-man e Francisco Fernández. Distribuído pela primeira vez na Arde Clóset em La Plata, em 28 de junho de 2013. Contém um manifesto introdutório seguido pelos seguintes poemas e ensaios: Na linha, Problemas de Vista, Bigodes e barba, Carta à menina de 8 anos que fui, Um cara e seus processos orgânicos, Obrigado pelas aulas, O não-elogio e um questionário para Pessoas Cis* Versão original aqui:

https://sexoyrevolucion.cedinci.org/s/la-comunidad-del-archivo/item/1553

tradução por **TRAVⒶ**
https://travx.framer.website/

Antes éramos
invisíveis.

Agora somos
invencíveis.

Estamos
preparando una invasão em massa.

É bom
que nos temam
porque estamos
chegando.

Estamos nos infiltrando nos espaços
LGB com nossa irritante e invasiva T, que muitas vezes
também é I e G e L. ou B e também Q e P de pansexual.

A verdade é que sempre estivemos aqui.

Mesmo que não queiram
nos ver.

Aqui estamos,
dançando com vocês
nas baladas e beijando vocês
em um canto.
Paquerando vocês em chats
e flertando no facebook.
Nos animando
nas **darkrooms** e colocando
a boca nos **glory holes**.

Estamos organizados. Somos

uma **horda de caras trans**,

dispostos a dar a vida pela luta.
Ou, melhor dizendo, e o que é melhor,
encher a luta de vida.

Saindo com
os amigos e encontrando seus ex.
Bares, festas, cinemas, saunas;
exposições de arte e recitais de poesia;
em qualquer lugar podemos
aparecer.

Não estamos interessados apenas em travar
a batalha da língua. Não.
Esse espaço simbólico que reivindicávamos
já conquistamos.

É provável
que você já tenha se cruzado com algum de nós;
é possível
que tenhamos dançado ou flertado sem você perceber.
Talvez
sejamos o namorado do seu amigo ou o gatinho
para quem você enviou um pedido de amizade.

Antes, fazíamos parte da **Resistência**.
Agora,

passamos para a ofensiva.

Não somos invisíveis, mas também não somos
óbvios,
transparentes.
Alguns estão
na mira, mas nem sempre eles sabem
quem somos nem

quando

vão nos encontrar.

Então
entrem em pânico, **malditos**
cissexistas e homonormativos. Vamos
explodir suas cabeças
porque
mesmo que vocês não saibam,
mesmo que não queiram,

nós entramos..

Não nos importamos em normalizar nossos corpos
para que
vocês nos reconheçam,
nem em parar de tomar hormônios ou fazer cirurgias ou
o que quer que seja para que vocês possam desfrutar de nós
dentro dos limites do normativo.

Se vocês acham que fazemos isso pelo **pau**, senhorxs,

que pau é mais pau do que o nosso?

Não temos medo de nossas **bucetas**,
nem de nossos **clitóris**,
ou **pintóris**,
nem de nossas **pênisinhas**,
ou nossas **xoxotas**,
nem de nenhum dos nossos **buracos**,
ou furos em qualquer lugar de
nossos corpos.

Também fomos prostituidos, v i o l ados, abusados, negados, abandonados.

Mas **não somos suas vítimas**.

Alguns de nós menstruamos,
outros nunca menstruamos.
Mas todos nós temos sangue
fervendo em nossos corpos
cheios de história
mas apagados d'A História.

Se já fomos suas cadelas,
agora podemos ser seus cães.

Estamos deste lado
do feminismo,
do trans- feminismo.

Não aceitamos nenhum dos supostos privilégios pelos quais o fazíamos.
Não se tornou mais suportável ser trans do que mulher.
Nem sempre podemos nos ordenar em termos de gênero.
Nem sempre somos a mesma coisa.

Não queremos que nos aceitem.
Não somos maravilhosos,
muito menos fantásticos.
Não prometemos sexo alucinante.
Não somos lesbicas homofóbicas,
nem heterosexuais machões que se fazem passar por viados.

Não vamos contar coisas da nossa espécie.

Isso não é um zoológico.

Tampouco é um circo.

Mas **passem**

e vejam.

desenho: http://foxykurt.tumblr.com

Na linha

Estas linhas são escritas por uma mulher que já não existe, ou nunca existiu,
vangloriando-se do poder furtivo e infundado que tinge as paredes, os tetos
casas burguesas com um vermelho menarca que tenta
sobreviver à agitação desbotada da ordem patriarcal..

Divisa pulsou.
Divisa pulsante,
escreve:

Linhas machas, tornei-me homem.
Na linha, homem impossível,

infiltrado na força insolúvel da hombridade. Manchei meu nome

de masculinidade maricas,
manchei

meu corpo e o desenhei

com sangue.
Matei a desinência,
destinei a morte ao gênero que matou o tempo
que amarrou meu corpo à fatalidade.
Deixei-me atravessar pela linha de um tempo que foi de outro
e saí desequilibrado, desatado e atemporal
à beira de um corpo
sem moral.

Não existe o que está escrito,
Não existe a mulher e nem o passado que a condena à sua antítese.

Antes havia um lugar com um espaço a preencher.
agora foi cortado.
Agora foi.

Um homem que escreve.

Problemas de vista

Costumam dizer que somos invisíveis. Que "passamos" demais; passamos tanto que nos passamos, passamos a não existir.

Não sei se agora me sinto menos visível. É claro que antes me olhavam muito: minha ambiguidade era um enigma, **uma imagem 3D que ninguém conseguia enfocar**. Me observavam intensamente por um bom tempo, mas não me viam. Às vezes perguntavam o que é isso?, como se eu não estivesse lá. Uma árvore faz barulho se cair no meio da floresta? Eu existia se não me registravam?

Mas havia pessoas que me viam. Uma das poucas coisas que sinto falta do "antes" é o **reconhecimento silencioso por parte de chongas desconhecidas**: aqueles momentos em que nos cruzávamos entre multidões de homens e mulheres e sabíamos que não estávamos sozinhxs. Podíamos sorrir ou acenar com a cabeça, mas bastava nos olharmos para sentir que existíamos.

Agora, outro público me observa: **tornei-me viado** e acessei um novo mundo de comunicação visual. De repente, os olhares alheios não eram mais um campo de desumanização, mas sim uma arena de **jogo e flerte**. Foi entre olhares que comecei a me construir como sujeito desejante e a me conceber como objeto desejado.

Então, agora sou mais invisível ou mais visível? Para quem? E para quem prega o valor universal da visibilidade, **como posso ser visível como trans, como viado e como ex-chonga ao mesmo tempo**, se cada um desses termos parece excluir as possibilidades de existência dos outros?

Quem eu quero que me veja e o que quero que veja; qual dos meus desejos predomina a cada instante? o desejo homossexual? o desejo de conservar meu passado? ou o desejo de que valorizem toda a minha história, que inclui **momentos que parecem se contradizer,** mas que só fazem sentido uns graças aos outros?

Existe um olhar que possa abranger tudo isso?

bigodes e barba

minha mãe chegava atrasada para me buscar no jardim
as crianças iam embora para casa, uma a uma
e eu sempre esperando
meu rosto ficava deformado, minha mãe nunca vinha.
tuli, a diretora,
se aproximava, me agarrava pelas duas tranças penduradas
nas laterais da cabeça e, com voz estridente,
ao colocar meu cabelo sobre os lábios,
no rosto, gritava, para me consolar:
a mulher barbuda, a mulher barbudaaaaa!
eu me lembro
de ter aqueles bigodes.
como eu não conseguia parar de rir
talvez para me consolar
me divirto com a mesma frescura daquela infância
me barbeando pela manhã, me vendo crescer
a barba

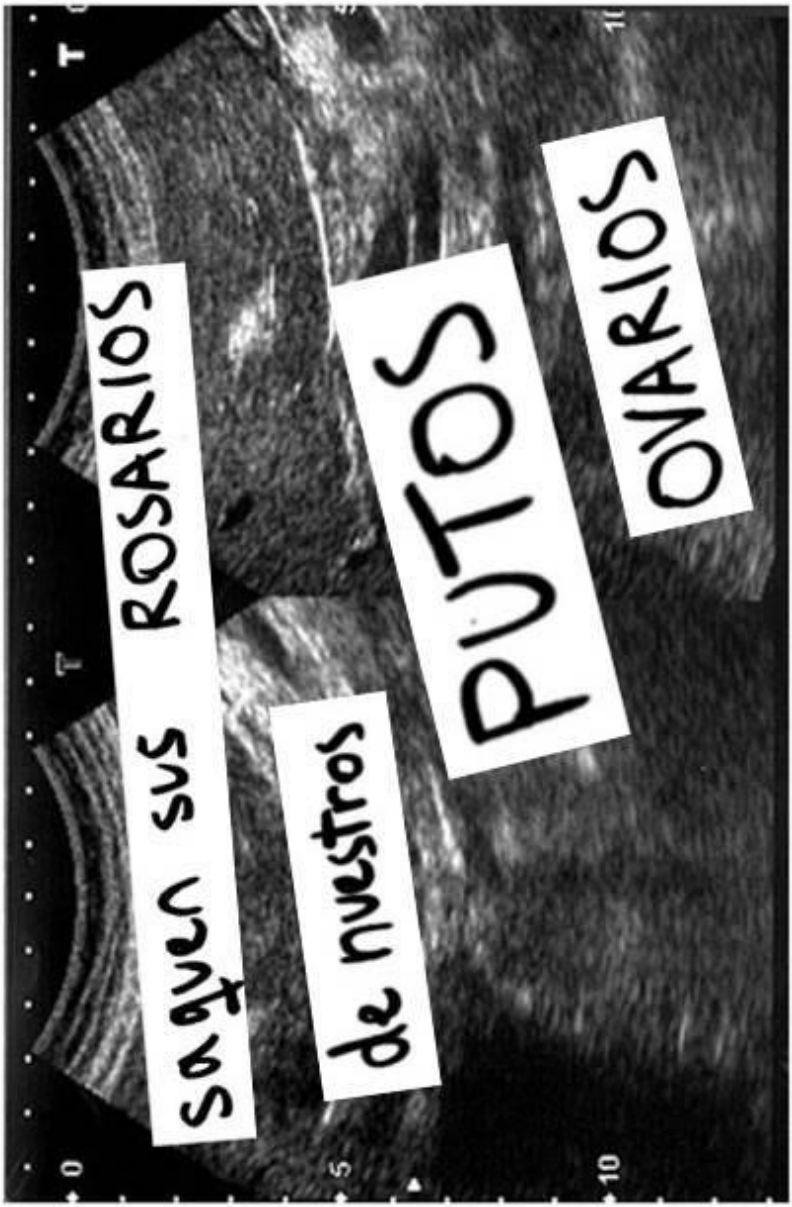
Carta à menina de 8 anos que fui

Não me imaginava com barba e pelos no corpo
tampouco me imaginava com curvas,
ainda menos com tetas.
Na verdade, sua imaginação — geralmente limitada —
entrava em curto-circuito
quando tentava te imaginar para além da infância.
A puberdade, este rio que não poderias escolher não atravessar.
Eu acredito que estarias orgulhosa de mim,
assim como estou orgulhoso de você.
Te levo em meu coração como uma foto na carteira.

Um cara e seus processos orgânicos.

É a minha primeira vez. A verdadeira-men-arquia
Minha primeira menstruação como homem. Houve alguns
pequenos sangramentos, é verdade,
certos
escapes
de endométrio que ocorrerama
poucos meses após o início da hormonização.
e, quase três anos depois, há alguns meses — creio eu —
uma hemorragia muito dolorosa, praticamente
dramática,
pela dor, pela perplexidade, pela confusão e por uma série de pesadelos
e lembranças penosas que ela desencadeou.
E assim, assim me sentindo
um macho expelindo seus resíduos internos,
forte, ereto e suportando uma intensa dor menstrual,
o útero se contraindo em espasmos
que pareciam estar
me rachando por dentro,
assim, tão poderoso
e viril,
um herói estóico,
sangrando
desde as profundezas,
assim,
com o corpo inchado,
as lágrimas soltas,
assim, por assim dizer,
é a primeira vez que isso me acontece.

e o que acontece com esse patriarcado que não comemora a menarca de seus homens?
o que acontece com esse patriarcado, que perde
a honra de se regozijar diante da metamorfose cíclica
que provoca ondas e espasmos
internos tão intensos
como um maremoto?
como é que este patriarcado não percebe que
um homem ferido, se perde sangue,
tanto sangue, e continua de pé, é
um homem íntegro?



dedicado à ecografista transfóbica que me falou de Jesus

e à ginecologista homofóbica que queria me ensinar como transar.

Obrigado pelas aulas

obrigado pelas aulas
obrigado
pelas horas de estudo com venetian snares
e o fogo de descubrir
um corpo com-sentido
social

horas de estudo e masturbação e barulho

atordoado por saber

eu te olho fixamente
como se você ditasse
aos olhos, desviados
os gestos, de soberba:
conhecer você, saborear você e acariciar você

você mostra um braço
que eu descubro
enquanto seus lábios
complacentemente pedagógicos

tenho que compreender bem
e já registrei
seus movimentos faciais
em um catálogo obsessivo-compulsivo
para aplicá-lo a cada fantasia
em que
após a palestra sobre mc luhan
com the knife ao fundo
quebramos o silêncio
beijando-nos às escondidas dos outro
alunos, no que ainda resta
apagando-se na sala de aula 12

excelente o assunto
no entanto, acho que falta
um certo enfoque de gênero, uma certa
crítica. acho que seria encantador
que em seus estudos
você incluísse meu corpo.
a partir de um enfoque sociossemiótico,

você me olha assim porque não sabe o que olhar?
às vezes me pergunto
se eu te agrado, seu viado
e gostaria que sim
porque você me vê nu
cada vez que seus olhos
acariciam a lista
com discrição
e você lambe meu sobrenome.
mas eu não sei
não sei muito bem
o que você faz com a parte feminina
do meu nome escondido

o não-elogio

Estou mudando meu nome na faculdade e, enquanto preencho o último formulário, o funcionário diz: “Nem parece, hein”.

Eu paro de escrever. “O quê?”

“Nem parece. Tenho uma colega que também fez isso, e ficou bom.”

Agora entendo. Volto minha atenção para o formulário e digo secamente: “Não é nem bom nem ruim. É como é.”

Minha reação o deixa confuso; ele claramente pensou que estava me elogiando. “Sim, eu sei que não é bom nem ruim, mas... – ele gesticula no ar – não sei como expressar isso.”

Eu sei como expressar isso. “Você quer dizer que não dá para

perceber.” “Claro! E é melhor assim, não é? Com tanto preconceito

por aí...”

Se eu desse a mínima, diria a ele que não fazemos isso para que não se perceba. Que nunca tive a intenção de parecer um homem cis e que passei por um luto no dia – no mês, no ano – em que não se percebeu mais. Que não me arrependo de nada, mas ainda valorizo especialmente aqueles traços que testemunham a história do meu corpo. Diria a ele que rejeito suas hierarquias cis de atratividade. Mas apenas assino os papéis e vou embora.

Sei que o cara não estava pensando em tudo isso, mas apenas queria me elogiar (além disso, ele era muito gay). E eu gosto de elogios tanto quanto qualquer pessoa, mas por que as pessoas cis adoram se meter com esses comentários, em vez de dizer algo simples como “que penteado bonito” ou “gosto de como você combinou seu cinto com os tênis”?

Acho que esse é o problema: eles não estão pensando em tudo isso.

Questionário para pessoas cis*

1. Quando você soube que era mulher/homem?

2. Como você sabe que isso não é algo que seus pais lhe incutiram?

3. Você odeia pessoas de outros gêneros e, por isso, não quer fazer a transição? Você acha que seu gênero é superior aos demais?

4. Você não deveria tentar vivenciar outro gênero antes de decidir qual permanecer? E se você tentou, mas não gostou, você não acha que deveria ter se esforçado mais?

5. Como assim você não deseja fazer a transição porque é uma mulher feminina/homem masculino? Você não sabia que é possível ser um homem feminino/mulher masculina?

6. Você não era muito jovem, quando chegou à puberdade, para saber qual corpo iria querer para o resto da vida? Você não deveria ter tomado bloqueadores hormonais até ter idade para decidir?

7. Não faz sentido você ser gay quando poderia mudar de gênero e ser heterossexual.

8. Não faz sentido você ser heterossexual quando poderia mudar de gênero e ser gay.

9. Você se sente realmente cis, ou só quer ser para ter todos os privilégios??

10. Eu sabia que você se deixaria influenciar por todas as pessoas cis com quem se cercava quando era adolescente.

---

*cis: o oposto de trans (se você não é trans, é provável que seja cis)

AQUÍ ESTÁ LA OFENSIVA TRANS

somos **cat-man** y **fran f.**

encontranos en **http://absurdhombre.wordpress.com**

escribinos a **ofensivotrans@gmail.com**

TRAVⒶ é um projeto de tradução de pensamento trans radical sudaca. somos um grupo de travas e travos de diferentes regiões no brasil, dedicades a borrar as barreiras português/espanhol entre o brasil e países vizinhos. nossas traduções ficam disponíveis no Internet Archive, um arquivo digital de acesso aberto e sem anúncios.

tradução: Cello Pfeil
revisão: Joanna Leoni
diagramação: Joanna Leoni

mar/2026
https://travx.framer.website/